

6

La arquitectura
doméstica urbana
de la Lusitania
romana

ANTONIO PIZZO
(Ed.)



MYTRA

monografías y trabajos
de arqueología

6

La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania Romana

Mérida, 2020

La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania Romana.

Editor: Antonio Pizzo.

Año: 2020

Colección: MYTRA, Monografías y Trabajos de Arqueología. Instituto de Arqueología, Mérida (CSIC-Junta de Extremadura). Número 6.

Páginas: 464 + ilustraciones.

D.L.: BA-798-2020

I.S.B.N.: 978-84-09-25720-1

Citar como:

Pizzo, A. (Ed.) 2020: La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania Romana, *Mytra* 6, Mérida.

Esta publicación se ha financiado con el proyecto de investigación del Plan Nacional de I+D: La arquitectura romana de la Lusitania. Producción y economía de los procesos de perduración, transformación e innovación técnica (HAR2015-64392-C4-3-P).

Convocatorias 2015. Proyectos EXCELENCIA y Proyectos RETOS

Dirección General de Investigación Científica y Técnica, Subdirección General de Proyectos de Investigación.



© Instituto de Arqueología, Mérida (CSIC-Junta de Extremadura).

© Antonio Pizzo (ed.) y de cada texto, su autor.

Maquetación, composición e impresión:
MÉRIDA JPG IMPRESIÓN DIGITAL. Mérida (Spain)

Antonio Pizzo
(Ed.)

La arquitectura doméstica urbana
de la Lusitania Romana



MYTRA
MEMORIAS Y TRABAJOS DE ARQUEOLOGÍA

COMITÉ EDITORIAL

Dirección:

Sebastián Celestino Pérez y Pedro Mateos Cruz (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Secretaría:

Carlos J. Morán Sánchez (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Vocales:

Juan Pedro Bellón Ruíz (Universidad de Jaén)

Javier Bermejo Meléndez (Universidad de Huelva)

Luis Berrocal Rangel (Universidad Autónoma de Madrid)

Jesús García Sánchez (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Francisco Gracia Alonso (Universidad de Barcelona)

Victorino Mayoral Herrera (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Almudena Orejas Saco del Valle (Centro de Ciencias Humanas y Sociales-CSIC)

César Parceró Oubiña (Instituto de Ciencias del Patrimonio-CSIC)

Luis Gethsemaní Pérez Aguilar (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Antonio Pizzo (Escuela Española de Historia y Arqueología, Roma -CSIC)

Esther Rodríguez González (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Oliva Rodríguez Gutierrez (Universidad de Sevilla)

Trinidad Tortosa Rocamora (IAM, CSIC-Junta de Extremadura)

Mar Zarzalejos Prieto (Universidad Nacional de Educación a Distancia)

COMITÉ CIENTÍFICO

Pablo Arias (Universidad de Cantabria)

María Carme Belarte (Institut Català d'Arqueologia Clàssica)

Massimo Botto (Istituto di Studi sul Mediterraneo Antico)

Stefano Camporeale (Università di Siena)

Teresa Chapa (Universidad Complutense de Madrid)

Alexandra Chavarría (Università di Padova)

Jordi Cortadella (Universitat Autònoma de Barcelona)

Sophie Gilotte (Centre National de la Recherche Scientifique)

Sonia Gutierrez (Universidad de Alicante)

Alberto Lorrío (Universidad de Alicante)

Dirce Marzoli (DAI, Instituto Arqueológico Alemán-Madrid)

Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)

Ignacio Pavón (Universidad de Extremadura)

Sebastián Ramallo (Universidad de Murcia)

Elisa da Sousa (Universidade de Lisboa)

Xavier Terradas (Institución Milá y Fontanals-CSIC)

Frank Vermeulen (Ghent University)

ÍNDICE GENERAL

INTRODUCCIÓN	
Antonio Pizzo.....	11
CAPÍTULO 1	
<i>El proyecto de investigación: “La arquitectura romana de la Lusitania. Producción y economía de los procesos de transformación e innovación técnica” (HAR2015-64392-C4-3-P)</i>	
Antonio Pizzo.....	19
CAPÍTULO 2	
<i>Configuración administrativo-territorial de la provincia Lusitania. Desde su creación al periodo islámico (ss. I a.n.e. – VIII)</i>	
Tomás Cordero Ruiz.....	31
CAPÍTULO 3	
<i>Distribución geográfica y análisis de las viviendas romanas de la Lusitania</i>	
CONVENTUS EMERITENSIS	
3.1 <i>Augusta Emerita (Mérida, España)</i>	
Álvaro Corrales Álvarez.....	47
3.2 <i>Augustobriga (Talavera La Vieja, España)</i>	
Álvaro Corrales Álvarez.....	67
3.3 <i>Avila (Ávila, España)</i>	
Álvaro Corrales Álvarez.....	75
3.4 <i>Caesarobriga (Talavera de la Reina, España)</i>	
Sergio de la Llave Muñoz.....	87
3.5 <i>Capera (Cáparra, España)</i>	
Ana Bejarano Osorio.....	109
3.6 <i>Caurium (Coria, España)</i>	
Álvaro Corrales Álvarez.....	117
3.7 <i>Civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha, Portugal)</i>	
José Cristóvão, Pedro C. Carvalho, Ricardo Costeira da Silva, Adolfo Fernández Fernández, Patricia Dias.....	125

3.8	<i>Colonia Norbensis Caesarina</i> (Cáceres, España)	
	Álvaro Corrales Álvarez.....	135
3.9	<i>Salmantica</i> (Salamanca, España)	
	Álvaro Corrales Álvarez.....	143
3.10	<i>Vissaium</i> (Viseu, Portugal)	
	Pedro C. Carvalho, Pedro Sobral de Carvalho.....	153
 <i>CONVENTUS PACENSIS</i>		
3.11	<i>Caetobriga</i> (Setúbal, Portugal)	
	Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares.....	165
3.12	<i>Ebora Liberalitas Iulia</i> (Évora, Portugal)	
	André Carneiro.....	177
3.13	<i>Laccobriga</i> . Ruínas romanas de Monte Moliao (Lagos, Portugal)	
	Ana Margarida Arruda, Carlos Pereira, Elisa de Sousa.....	183
3.14	<i>Mirobriga</i> (Santiago do Cacém, Portugal)	
	José Carlos Quaresma, Catarina Felício, Filipe Sousa, André Gadanho, Raquel Guimarães, Rodrigo Banha da Silva.....	195
3.15	<i>Myrtilis</i> (Mértola, Portugal)	
	Virgílio Lopes.....	209
3.16	<i>Pax Iulia</i> (Beja, Portugal)	
	María Conceição Lopes.....	217
3.17	<i>Ossonoba</i> (Faro, Portugal)	
	João Pedro Bernardes.....	227
3.18	Ruínas Romanas de Tróia - Casa da Rua da Princesa (Grândola, Portugal)	
	Jorge de Alarcão, Inês Vaz Pinto, Ana Patrícia Magalhães, Patrícia Brum.....	233
3.19	Ruínas Romanas de Tróia - Casa da Oficina de Salga 6 (Grândola, Portugal)	
	Inês Vaz Pinto, Ana Patrícia Magalhães, Filipa Santos, Patrícia Brum.....	245
 <i>CONVENTUS SCALABITANUS</i>		
3.20	<i>Aeminium</i> (Coimbra, Portugal)	
	Helena Catarino, Ricardo Costeira da Silva, Sónia Felipe, Pedro C. Carvalho.....	257
3.21	<i>Collippo</i> (Leiria/Batalha, Portugal)	
	João Pedro Bernardes.....	267
3.22	<i>Conimbriga</i> (Condeixa-a-Velha, Portugal)	
	Virgílio Hipólito Correia.....	273
3.23	<i>Felicitas Iulia Olisipo</i> (Lisboa, Portugal)	
	Lídia Fernandes.....	297

CAPÍTULO 4

Decoración doméstica en mármol de *Augusta Emerita*

Trinidad Nogales Basarrate..... 311

CAPÍTULO 5

Relações entre a ornamentação pública e privada nas cidades da Lusitânia

Lidia Fernandes..... 343

CAPÍTULO 6

La casa urbana hispano-romana como espacio comercial. El caso lusitano

Macarena Bustamante Álvarez..... 375

CAPÍTULO 7

Arquitectura residencial urbana en Lusitania en la Antigüedad tardía.

Topografía, edilicia y dinámicas de transformación

Pedro Mateos Cruz, Isabel Sánchez Ramos..... 397

CAPÍTULO 8

Balances y perspectivas sobre la arquitectura doméstica urbana de la Lusitania romana

Antonio Pizzo..... 433

3.13 *LACCOBRIGA*: ESTRUTURAS ROMANAS DE MONTE MOLIÃO (LAGOS, PORTUGAL)

ANA MARGARIDA ARRUDA*, CARLOS PEREIRA**, ELISA DE SOUSA***

1. INTRODUÇÃO

Monte Molião (Lagos, Portugal) situa-se no Algarve litoral, implantando-se numa colina de formato grosseiramente oval localizada na margem esquerda do estuário da Ribeira de Bensafrim. Destaca-se na paisagem, dele se dominando visualmente toda a baía de Lagos. Tem cerca de 4ha., que, na Antiguidade, estavam integralmente ocupados com construções de natureza, funcionalidade e cronologia diversas.

O sítio foi habitado desde a Idade do Ferro, concretamente a partir de meados do século IV a.n.e., tendo sido abandonado no final do século II.

Conhecido desde o século XIX (Veiga 1910), Monte Molião manteve-se praticamente imune à pressão urbanística que tocou às áreas litorais do Algarve a partir da década de 60 do século passado, apesar de no início dos anos 80 a abertura de uma rua ter afectado vestígios arqueológicos na vertente Este e de, em anos mais recentes (2005), a construção de um empreendimento turístico a NE ter posto a descoberto estruturas negativas de época Romana-Republicana de difícil interpretação funcional (Sousa e Serra 2006). Outras intervenções de carácter preventivo foram ainda realizadas no corrente século (Estrela 1999; Bargão 2008; Diogo e Marques 2008).

Os trabalhos de campo iniciados em 2006 desenvolvem-se no âmbito de um Projecto de Investigação que resulta de um protocolo que envolve a Uniarq, a Faculdade de Letras e a Câmara Municipal de Lagos. Decorreram, até ao momento, 11 campanhas, que permitiram escavar uma área ampla (1382 m²) distribuída por três sectores: o A, a Este, o B, no topo, o C, virado a Sul. Os resultados obtidos nesses trabalhos de campo têm vindo a ser publicados, sendo já extensa a bibliografia produzida acerca deles (entre outros: Arruda 2007, Arruda *et al.* 2008, Arruda e Pereira 2010, Detry e Arruda 2013, Arruda e Sousa 2013, Sousa e Arruda 2014, Pereira e Arruda 2016, Arruda e Dias 2017).

Deve ainda referir-se nesta breve introdução que o sítio tem vindo a ser identificado com a *Laccobriga* de Pompónio Mela (III, 1, 7) e de Plutraco (*Sertorius* 13), identificação que, não sendo segura, parece provável, se atendermos aos dados que as escavações arqueológicas dos últimos anos já forneceram. De

* Uniarq (Centro de Arqueologia), Universidade de Lisboa. a.m.arruda@letras.ulisboa.pt

** Uniarq (Centro de Arqueologia), Universidade de Lisboa. carlos_samuel_pereira@hotmail.com

*** Uniarq (Centro de Arqueologia), Universidade de Lisboa. e.sousa@campus.ul.pt

qualquer modo, tudo indica que o *oppidum* foi um importante núcleo urbano, ainda que de pequena dimensão, durante a ocupação romana, mesmo que se desconheça, com exactidão, o seu estatuto jurídico.

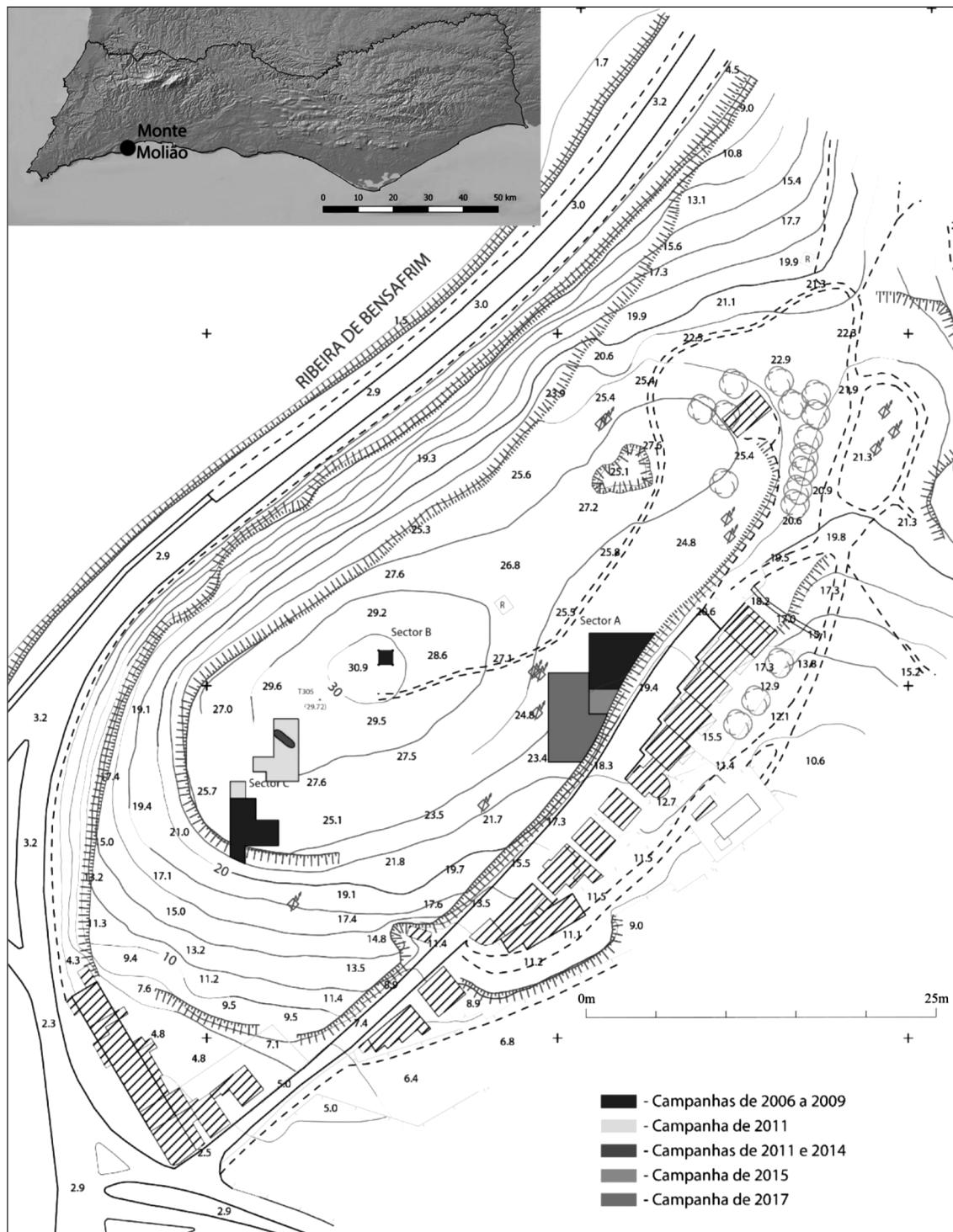


Fig. 1 Localização de Monte Molião (Lagos, Portugal) e identificação dos três sectores intervenionados nas várias campanhas de escavação.

2. ARQUITECTURA

2.1. A ARQUITECTURA DOMÉSTICA EM MONTE MOLIÃO: A LONGA DURAÇÃO E A LEITURA DIACRÓNICA

Como já se referiu antes, a ocupação de Monte Molião durou cerca de 550 anos, entre a segunda metade do século IV a.n.e. e o final da dinastia dos Antoninos. Esta longa diacronia não facilita a leitura das estruturas domésticas de época romana, dada a sua utilização ao longo de vários séculos, que se reflecte em reparações, demolições e reconstruções que nem sempre se apresentam absolutamente diferenciáveis do ponto de vista estrutural ou estratigráfico. Os fenómenos de longa duração têm, como sabemos, consequências ao nível da interpretação dos espaços construídos, domésticos ou outros. Apesar destes constrangimentos, foi possível o tratamento faseado das habitações romanas de Monte Molião, uma vez que as sequências estratigráficas e os contextos associados às paredes que definem as células que as compõem forneceram elementos fiáveis para o seu esclarecimento.

A ocupação romana de Monte Molião iniciou-se em época republicana, muito provavelmente em torno aos meados do século II a.C., momento em que o núcleo urbano foi delineado e construído de acordo com um plano urbanístico previamente definido. Importante parece ser o facto de as novas construções romperem com o traçado previamente existente, da Idade do Ferro, colocando-se os alicerces das paredes romanas directamente sobre aquelas, tendo sido os estratos correspondentes amortizados e regularizados. Os muros da Idade do Ferro não foram usados, nem os edifícios de que elas faziam parte foram remodelados para serem utilizados neste novo contexto histórico. Há um novo urbanismo que se impõe, *ex novo*. Esta realidade ficou comprovada quer no Sector A quer no C.

No Sector A, os edifícios romanos, republicanos e imperiais, estruturam-se em função de dois arruamentos que se entrecruzam perpendicularmente: a rua A desenvolve-se no sentido Sul / Norte e a B no Este / Oeste. Os três conjuntos de estruturas identificadas, que ladeiam os referidos arruamentos, correspondem a quatro edifícios, havendo para um deles, o que se localiza a Sudeste, mais informação, uma vez que as áreas escavadas foram mais extensas. Estas estruturas foram utilizadas durante toda a ocupação romana, ainda que tenha havido, ao longo dos séculos seguintes, remodelações, mais ou menos significativas.

No Sector C, virado a Sul e sobranceiro ao estuário, a intervenção arqueológica foi mais reduzida em termos de área, não estando, assim, disponíveis dados tão expressivos como os que existem para o primeiro. Apesar disso, houve oportunidade de pôr a descoberto parte de dois conjuntos arquitectónicos domésticos, o primeiro dos quais apresenta duas fases de construção, uma do final do século II a.n.e. e a outra dos primeiros decénios da centúria seguinte.

2.2. OS EDIFÍCIOS DO SECTOR A

A estrutura mais bem conservada do Sector A não está ainda definida na sua totalidade. Porém, o que existe deixa antever uma planta geral quadrangular, com cerca de 26 m. X 26 m., o que perfaz uma área total de 676 m². Está limitada por paredes de espessura considerável (1 m - o, 80 m) e dividida em várias células (12 no total) de dimensão variável, divisão conseguida pela construção de muros menos espessos (0,50 m.). A circulação interior deste espaço foi conseguida através de aberturas (portas) com vãos que, em média, possuem 80 cm. A sua construção está datada do período republicano, mas o edifício esteve em utilização até pelo menos ao final da época Flávia. As remodelações e as reconstruções, durante a dinastia Júlio-cláudia, primeiro, e flávia, depois, comprovam esse uso prolongado, sendo claro que elas não foram uniformes na sua forma ou método. Assim, se por vezes se observa apenas o alteamento das paredes pré-existentes (Compartimentos 11, 14 e 16), outros casos houve em que estas foram integralmente demolidas,

dando lugar a uma total transformação dos espaços anteriores, agora irrecuperáveis, situação observada nos compartimentos 5 e 6, e que está justificada pelas estruturas negativas construídas no primeiro (*cetariae*) em meados do século I. Outra realidade diz respeito à obturação, em momento imperial, de portas e de sedimentos republicanos, através do levantamento de muros, concretamente dos que separam os compartimentos 11 do 10 e o 14 dos 12 e 13.

Relativamente ao conjunto deste edifício é necessário ainda dizer que as paredes fundacionais que o limitam foram construídas com pedras de grande/média dimensão talhadas para o efeito e ligadas por argamassa. Os muros divisórios foram erguidos com o recurso a pedras de pequeno e médio calibre estando acopladas por argila. É notória a alteração no aparelho construtivo entre a fase republicana e imperial, quer no que se refere aos muros que delimitam os compartimentos quer nos exteriores. Nos últimos, houve, inicialmente, um maior cuidado na eleição dos seus componentes, sendo as pedras, sobretudo as das faces externas, de melhor talhe. Pelo contrário, as paredes Este e Norte dos compartimentos 5 e 6 usam elementos de menor e variada dimensão, apresentando-se mais espaçadas. Nas internas, a situação é a inversa. Na época republicana, bem como nas reconstruções júlio-cláudias, os muros não são especialmente cuidados em termos construtivos, mas em época flávia recorre-se a pedras recortadas, idênticas na forma e na medida, tendo-se conservado em vários troços o seu reboco de argamassa.

No início do século II, algumas paredes foram reforçadas externamente, reforços colocados directamente sobre os sedimentos correspondentes à ocupação anterior, evidenciando que o espaço continuou a ser utilizado, sem grandes alterações estruturais. Esta realidade é visível a Noroeste, no muro flávio que delimita o compartimento 5, e a Este no que separa o 11 do 20. Em momento indeterminado desta centúria, provavelmente ainda durante a sua primeira metade, o edifício foi abandonado e sobre ele foram construídas algumas paredes que formam espaços habitados de planta quadrangular, que se conservaram mal.

Um outro conjunto habitacional, anexo a este, desenvolve-se para Sudoeste. Fez, certamente, parte do plano arquitectónico traçado em época republicana, mas dele apenas conhecemos, na sua forma total, o compartimento 17 de planta rectangular. Em termos construtivos e de diacronia de ocupação é em tudo idêntico ao anterior. Destaque-se, contudo, a canalização de época republicana, que serviu para o escoamento dos resíduos nele produzidos, que ainda é em parte visível no muro Este do referido compartimento e que foi, infelizmente, destruído pela construção do arruamento aberto na década de 80 do século passado.

A Noroeste da rua B foram postos a descoberto um compartimento e parte de dois outros. Os alicerces são potentes, construídos com pedras aparelhadas de grande/média dimensão ligadas entre si por argamassa bem consolidada. No topo do pano que se observa na face Este, é visível a abertura da canalização que escoava os resíduos do edifício a que pertenciam, canalização construída com corpos de ânforas cilíndricas republicanas (Tipo D de Pellicer e Castro Marim 1). A construção obedece às mesmas normas já descritas, sendo também claro que o espaço foi utilizado em momento imperial, flávio e antonino, épocas em que as paredes foram alteadas, primeiro, e substituídas por outras, construídas sobre as suas ruínas, depois. Em ambos casos, os aparelhos são mais rudimentares que os primogénitos.

Dois compartimentos e parte de um outro foram identificados a Nordeste da Rua A. Neste caso, os muros que os definem datam todos do século II, apesar de uma escavação em profundidade no 2 ter mostrado a existência de níveis de ocupação datados das últimas duas centúrias do 1º milénio a.n.e., associados a paredes semelhantes, em termos construtivos, aos que separam as diferentes células do edifício a Sul.

2.3. OS EQUIPAMENTOS DOMÉSTICOS

As coberturas das estruturas domésticas que os trabalhos de campo puseram a descoberto no Sector A eram constituídas por telhados de *tegulae* e *imbrices* no período imperial. Para a época republicana, não existem, por ora, quaisquer dados que nos permitam adiantar uma proposta fundamentada. Como já tivemos oportunidade de referir antes, as faces internas das paredes das distintas células foram rebocadas por argamassa de cal, que se conserva, *in situ*, em alguns casos, a partir, pelo menos da dinastia flávia. Há dados, infelizmente em níveis de abandono, ou de aterro, sobre o facto de essas argamassas serem pintadas. Nos séculos II e I a.n.e., as paredes parecem estar revestidas por argila apenas alisada.

Os pavimentos seriam de terra batida, primeiro, e de argamassa, mais tarde, a que se juntam os lajeados e os de *laterae*. Alguns fragmentos de mosaicos e muitas *tesselae*, sempre encontrados em contextos secundários de deposição, indiciam a utilização de pavimentos musivos, certamente em momento imperial.

Os dados sobre os equipamentos escasseiam em Monte Molião. Contudo, no compartimento 3, foi encontrada, encostada ao muro Noroeste e imediatamente à esquerda do acesso, uma estrutura, bem conservada, destinada à confecção de alimentos. Trata-se de um pequeno “fogão” rectangular construído com *laterae*, para o qual se propõe uma datação de meados do século II. Também no Compartimento 14, em níveis da primeira metade do século I, se identificou uma estrutura de combustão, de contornos subcirculares obtidos pela fixação de *tegulae* e *laterae*.

Os muitos pregos de haste curta recuperados destinavam-se certamente à fixação de tábuas que compunham os vários móveis que equipavam estes espaços de habitação, nomeadamente, bancos, mesas, caixas, e até mesmo prateleiras que estariam fixadas às paredes. Alguns artefactos de osso parecem corresponder a dobradiças que articulavam os vários componentes de alguns móveis. Também a presença de apliques de metal demonstram a existência de mobiliário doméstico. Os pregos e cavilhas de maior dimensão, também numerosos, podem relacionar-se com a própria construção do edifício, concretamente com os travejamentos que segurariam os telhados, ou ainda com as portas que separavam as várias células. A propósito destas últimas deve chamar-se a atenção para o conjunto de chaves que foi encontrado, todas de época imperial.

2.4. AS CONSTRUÇÕES DO SECTOR C

A área escavada no Sector C é mais reduzida e, assim, não surpreende que a informação acerca da arquitectura doméstica seja consideravelmente menor.

As construções identificadas são todas de época romana-republicana, assentando directamente sobre estruturas anteriores, da Idade do Ferro. Contudo, parece evidente a existência de dois momentos construtivos distintos, concretizados em sequência. A uma primeira fase, do início do último quartel do século II a.n.e., correspondem os dois compartimentos localizados a Sul, o 10 e o 11, de planta quadrangular, parecendo evidente a existência de dois pisos. As paredes que os limitam são de alvenaria, sendo as pedras de média e pequena dimensão. Deve chamar-se a atenção para o facto de ter havido o talhe intencional da rocha para definir parte importante do espaço do compartimento 10, justamente o que correspondia ao piso inferior.

Estes dois compartimentos foram reestruturados nos inícios do século I a.C., tendo sido então ampliados tornando-se a sua planta rectangular, não existindo quaisquer alterações nas técnicas de construção. A este mesmo momento correspondem também os que se desenvolvem para Norte e para Este,



Fig. 2 Fases romano-republicanas identificadas no Sector C. À esquerda: planta das estruturas da fase mais antiga. À direita: planta das estruturas da fase mais recente.

também de planta rectangular, não sendo perceptível se se trata de dois edifícios distintos ou de diversas células de um único. Os dados sobre a cobertura, os equipamentos ou os pavimentos são inexistentes, com excepção dos de terra batida.

3. INSTRUMENTUM DOMESTICUM

Os espólios encontrados no interior das diversas células que compõem os edifícios identificados são muito numerosos. As cerâmicas dominam, estando representadas todas as categorias funcionais, concretamente as destinadas à confecção e preparação de alimentos, as de utilização à mesa, as de transporte/armazenamento e as de iluminação. A diacronia alargada das construções e do seu funcionamento fica, como é evidente, também patente nos materiais recolhidos.

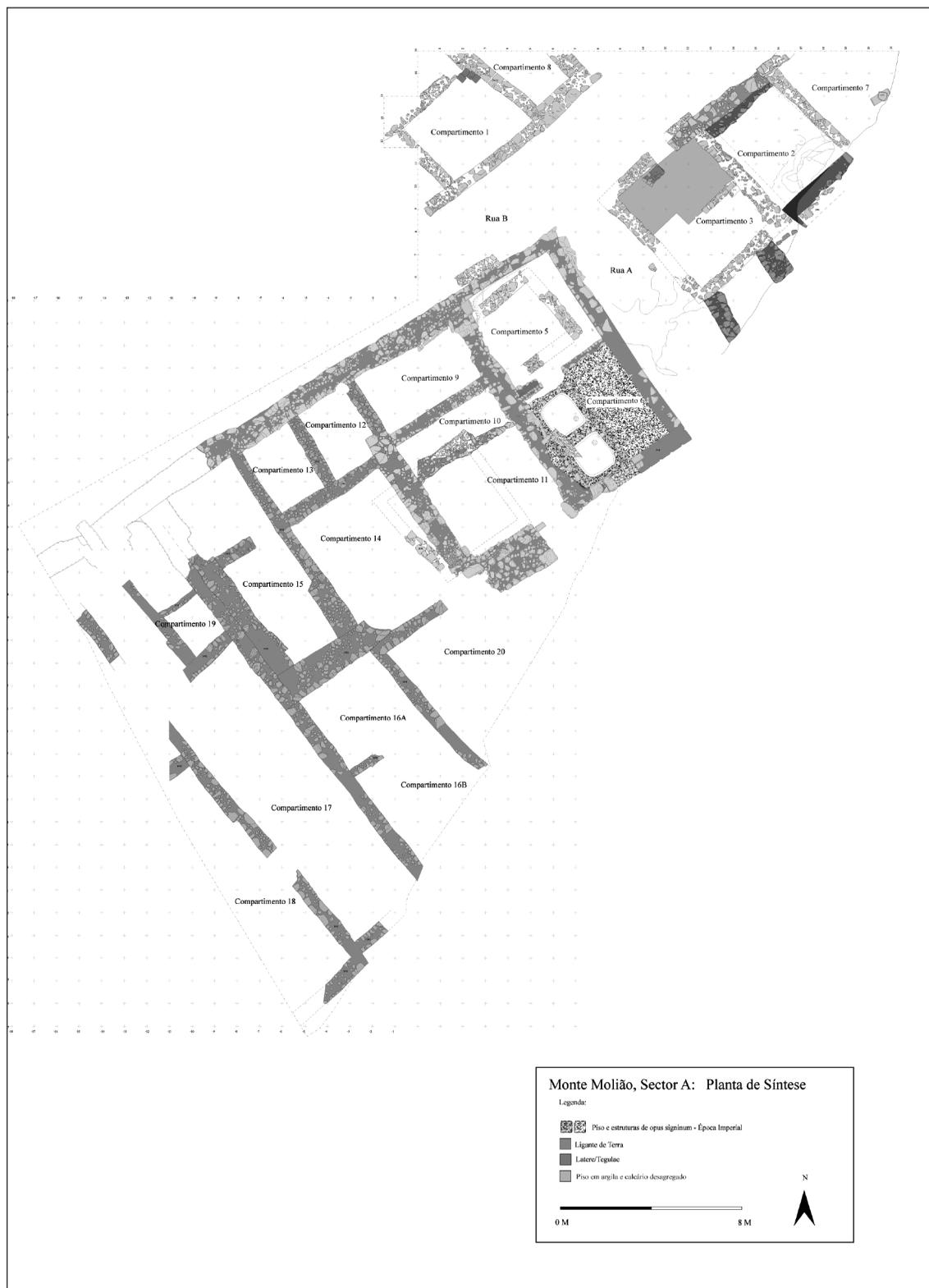


Fig. 3 Planta de síntese das estruturas escavadas no Sector A de Monte Molião, com indicação dos números de compartimento.

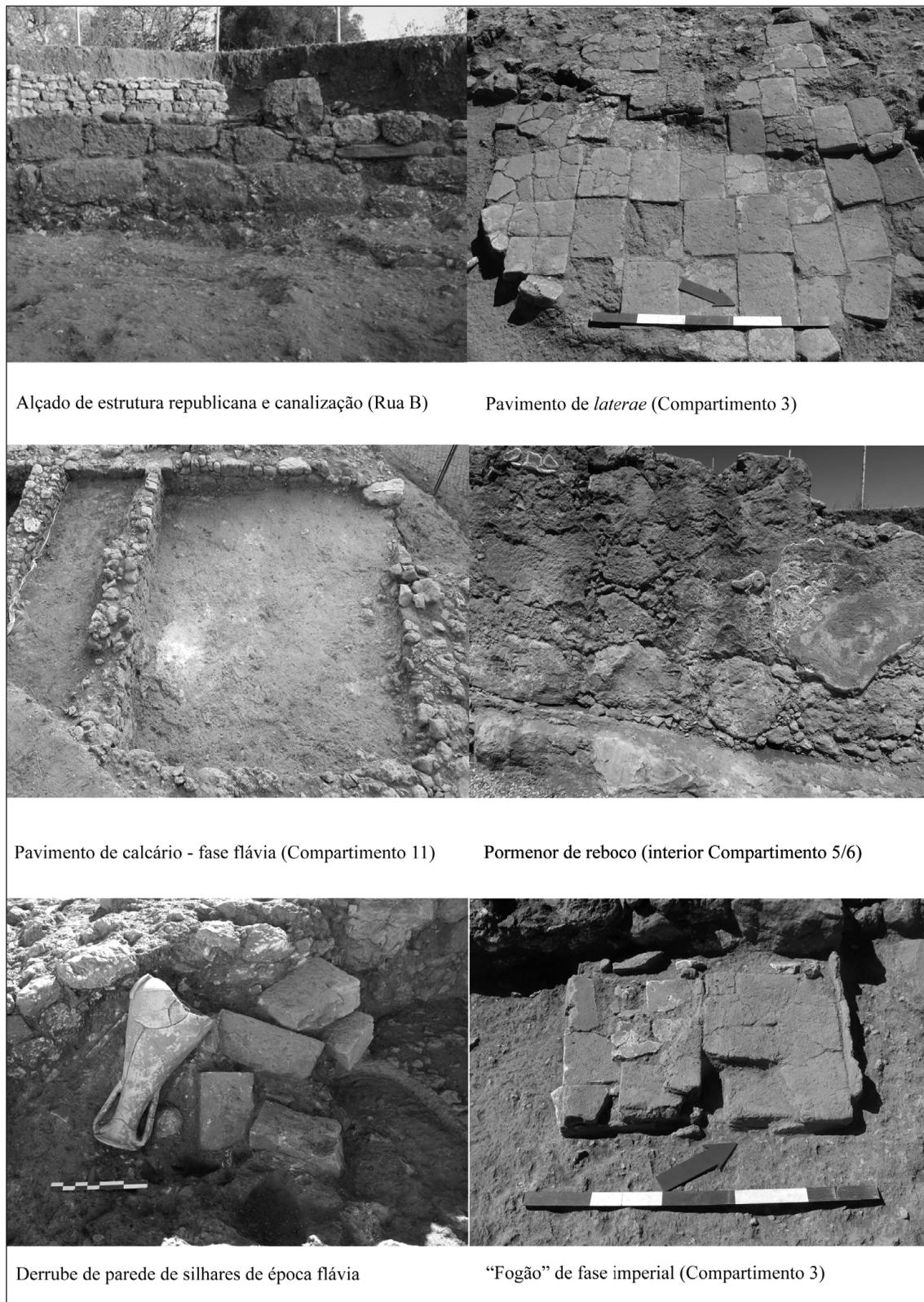


Fig. 4 Exemplos de algumas das técnicas aplicadas na arquitetura romana de Monte Molião.

No que à cerâmica de mesa diz respeito, a campaniense foi usada no consumo de alimentos, durante a época republicana, a que se associava a de tipo Kuass, nos momentos iniciais (século II a.n.e.). Para beber e/ou servir líquidos a de paredes finas era inicialmente itálica, mas os púcaros ampuritanos e as taças megáricas também se encontram representados. A partir da dinastia Júlio-cláudia, a cerâmica campaniense é substituída pela *terra sigillata*, itálica e sud-gálica, tendo esta última ganho um enorme protagonismo a partir de meados do século I, protagonismo que se mantém até ao final da ocupação, no fim da centúria seguinte, mesmo que as produções hispânicas e africanas tenham chegado ao sítio. As importações hispânicas de paredes finas tornam-se também dominantes.

O repertório formal dos vasos destinados à preparação e confecção de alimentos não se alterou ao longo de toda a ocupação, devendo destacar-se os tachos de bordo horizontal, largo e aplanado, quase todos de fabrico local, mas também os potes/panelas. As caçoilas e/ou frigideiras estão presentes em todos os níveis, com importações itálicas, primeiro, e peças de fabrico local/regional e norte africano, depois, situação distinta da dos alguidares, categoria que engloba, primeiro, vasos originários do vale do Guadalquivir e depois outros de produção local. As mesmas origens podem ser atribuídas às numerosas tigelas, desde época romana-republicana até ao final do século II, e à grande maioria dos vasos destinados a conter e a servir líquidos, estando presentes também alguns de origem gálica. Os almofarizes, com distintas formas de acordo com a respectiva cronologia, são ainda de produção itálica e da Ulterior, no momento mais antigo, e locais, mais tarde.

No armazenamento foram usados contentores de ampla capacidade, de tipo *dolium*, mas também outros mais pequenos, como os *kalathoi* e os potes. Os primeiros correspondem a importações da província da Citerior e os segundos da Bética, estes últimos também presentes em fabricos locais. Refira-se ainda que algumas ânforas, concretamente as Dressel 20, foram reutilizadas para o armazenamento de preparados de peixe produzidos localmente. Em alguns potes, com bordo muito reentrante na superfície externa, guardou-se mel e nas bilhas água.

As cerâmicas de iluminação são uma constante ao longo de toda a ocupação romana, ainda que para época republicana sejam mais raras. No momento mais antigo, as produções itálicas são largamente maioritárias, havendo também uma lucerna de cerâmica de “tipo kuass”. A partir do século I estes artefactos correspondem, fundamentalmente, a importações béticas.

Ainda que tenham sido reconhecidos alguns recipientes de vidro em contextos da primeira metade do século I, estes artefactos tornam-se mais numerosos a partir dos seus meados, momento em que substituem, mesmo que não completamente, a cerâmica de paredes finas. Usaram-se para servir e ingerir líquidos, mas também para guardar alimentos ou fármacos/cosméticos.

Alguns artefactos metálicos podem igualmente ser relacionados com as ocupações domésticas destes espaços. Destaca-se sobretudo a baixela, representada por componentes de jarros, integrados nos tipos Piatra Neamt, Gallarate ou Idria, e de *simpula*, horizontais e verticais. Associados a estes recipientes encontraram-se fragmentos de talheres, como lâminas de facas e respectivos cabos, e um garfo. Ainda que as sítulas não estejam abundantemente representadas, algumas asas semicirculares comprovam a existência de recipientes de maiores dimensões.

4. REFLEXÕES FINAIS

Os dados que apresentámos sucintamente nas páginas anteriores são ainda preliminares, uma vez que a escavação do grande edifício localizado no Sector A não está concluída.

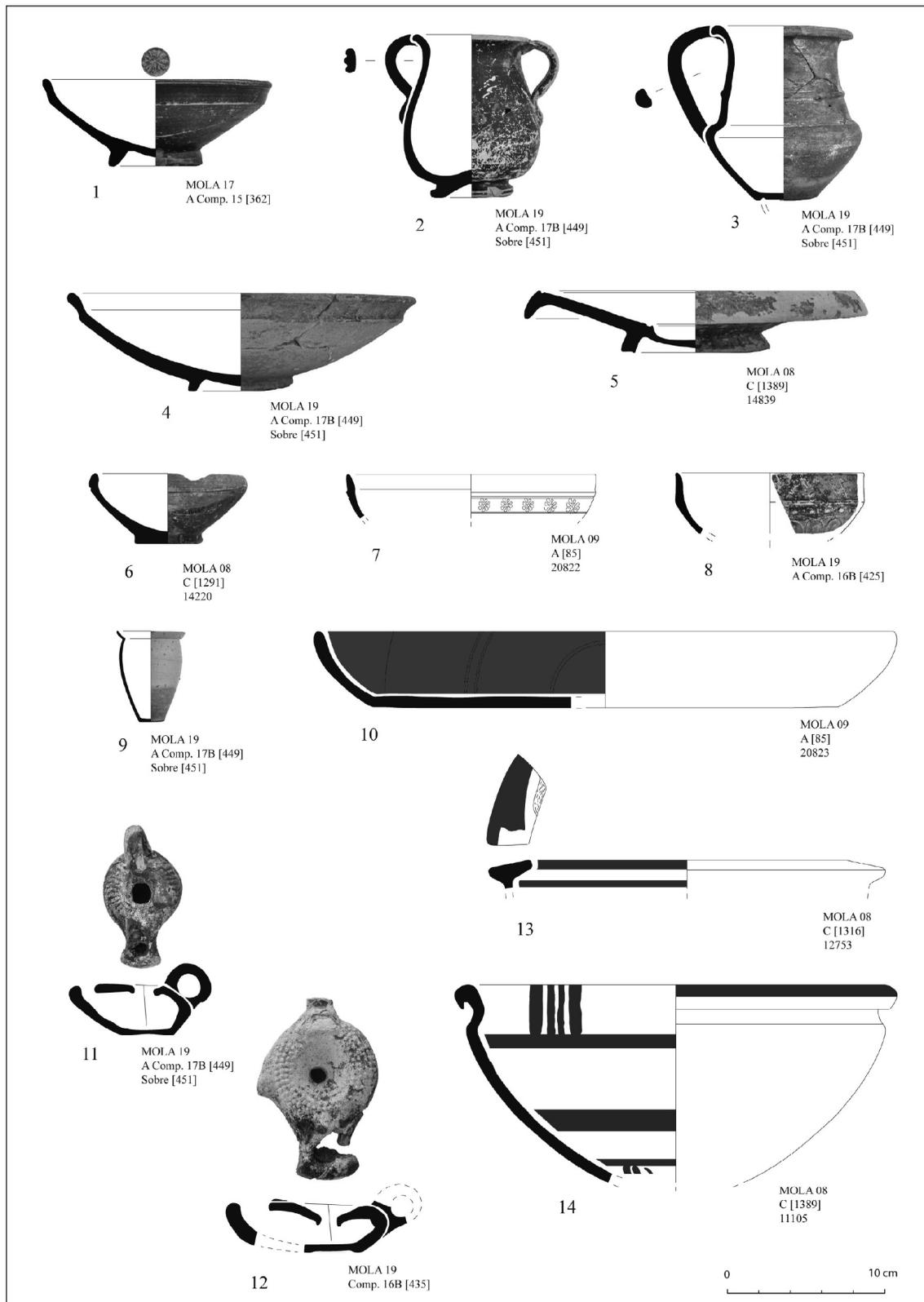


Fig. 5 Materiais identificados nos contextos romano-republicanos de Monte Molião.

Tendo em consideração os elementos disponíveis, parece possível afirmar que os espaços domésticos de Monte Molião foram, de alguma forma, sempre plurifuncionais. No Sector C, a actividade metalúrgica está bem documentada na época republicana (Arruda e Pereira 2008), situação que, para a mesma época, também se detectou no A. Neste último, foram identificadas duas *cetariae* no compartimento 5, que terão

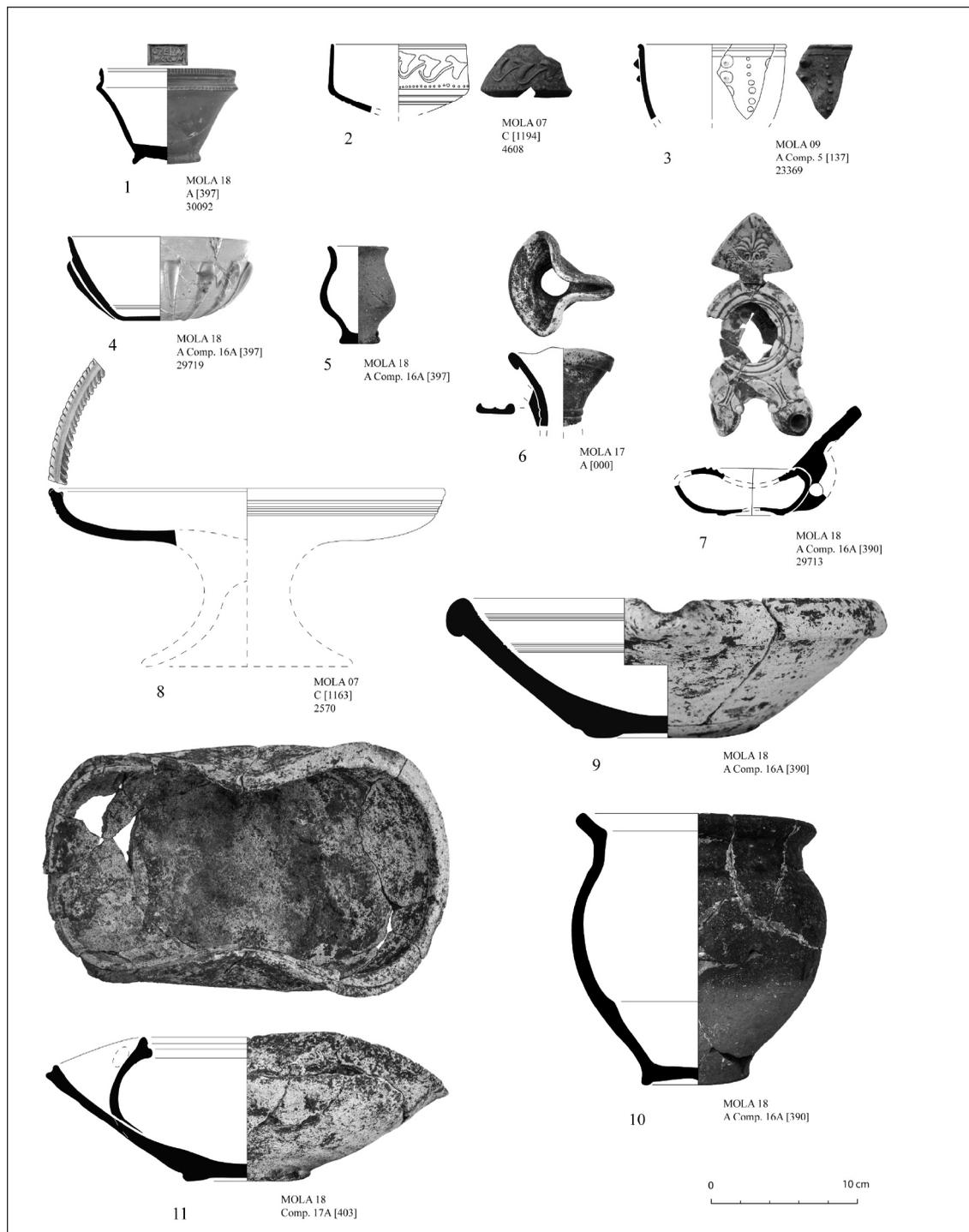


Fig. 6 Materiais identificados nos contextos romano-imperiais de Monte Molião.

estado em funcionamento até ao final do século I. O aparecimento, *in situ*, de algumas mós, quer em estratos republicanos quer imperiais, evidenciam a prática da moagem no contexto habitacional. Qualquer destas actividades deve ser encarada na perspectiva do consumo local, sendo, portanto, de âmbito doméstico e não industrial.

Por fim, parece importante insistir na antiguidade relativa da ocupação romana-republicana (*circa* 150 a.n.e.) e, sobretudo, na forma planificada como se desenhou a arquitectura destes momentos fundacionais. Trata-se de um urbanismo com grande identidade, *ex novo*, e definitivamente romano, com alicerces potentes e servido por redes de escoamento de resíduos. Ao longo dos cerca de 350 anos seguintes foi sendo remodelado à medida das novas necessidades, mantendo sempre o traçado original.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A. M. 2007: *Laccobriga: A ocupação romana na Baía de Lagos*, Lagos.
- ARRUDA, A. M. e DIAS, A. 2017: “A cerâmica de cozinha africana de Monte Molião (Lagos, Portugal) e o seu enquadramento regional”, *Onuba*, 5: 21-43.
- ARRUDA, A. M. e PEREIRA, C. 2010: “Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época romano-republicana”, *Xelb*, 10: 695-716.
- ARRUDA, A. M. e SOUSA, E. 2013: “Ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal)”, *Spal*, 22: 101-141.
- ARRUDA, A. M., SOUSA, E., BARGÃO, P. e LOURENÇO, P. 2008: “Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso”, *Xelb*, 8-1: 137-168.
- BARGÃO, P. 2008: “Intervenção de emergência na Rua do Molião: primeiras leituras”, *Xelb*, 8-1: 169-190.
- DETRY, C. e ARRUDA, A. M. 2013: “A fauna da Idade do Ferro e época romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15: 215-227.
- DIOGO, M. e MARQUES, J. 2008: “Sistemas defensivos do Molião – resultados preliminares da intervenção arqueológica na urbanização do Molião”, *Xelb*, 8-2: 59-65.
- ESTRELA, S. 1999: “Monte Molião, Lagos: intervenção de emergência (1998) e problemas da gestão do património em sítios arqueológicos classificados”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2-1: 199-234.
- PEREIRA, C. e ARRUDA, A. M. 2016: “As lucernas romanas do Monte Molião (Lagos, Portugal)”, *Spal*, 25: 149-181.
- SOUSA, E. e ARRUDA, A. M. 2014: “A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião”, *Onuba*, 2: 55-90.
- SOUSA, E. e SERRA, M. 2006: “Resultados das intervenções arqueológicas realizadas na zona de protecção do Monte Molião (Lagos)”, *Xelb*, 6-1: 5-20.

Este volumen es fruto del proyecto de investigación del Plan Nacional de I+D: *La arquitectura romana de la Lusitania. Producción y economía de los procesos de perduración, transformación e innovación técnica* (HAR2015-64392-C4-3-P1 , desarrollado entre 2016 y 2019).

Dividido en ocho diferentes capítulos presenta una aproximación a la arquitectura doméstica de la Lusitania en época romana con una reflexión de carácter general sobre la metodología empleada en el análisis de los contextos arqueológicos de la región y una presentación de los objetivos principales del proyecto citado. Una puesta al día de las investigaciones sobre los límites de la Lusitania, su problemática territorial y el análisis de las transformaciones históricas de los procesos de gestión jurídica y administrativa introducen el corpus principal del trabajo que intenta recopilar, de forma homogénea, el mayor número posible de evidencias arqueológicas de arquitectura doméstica. Cierran el volumen una serie de trabajos específicos sobre distintos aspectos del tema general tratado, entre ellos la decoración interna de las casas, la comparación entre elementos arquitectónicos de la arquitectura pública y privada, la economía y los espacios productivos y la arquitectura doméstica tardía.

Imágenes de cubierta: Detalle del peristilo central de la Casa dos repuxos, Conimbriga (Condeixa a-Velha).
(Foto Álvaro Corrales)

JUNTA DE EXTREMADURA

Consejería de Economía, Ciencia y Agenda Digital



GOBIERNO
DE ESPAÑA

MINISTERIO
DE CIENCIA
E INNOVACIÓN

ISBN 978-84-09-25720-1



9 788409 257201